
Vídeo-pesquisa e formação na cibercultura: atos de currículo e de pesquisa em educação

Joelma Fabiane Ferreira Almeida

Colégio Pedro II (CP II)
elma.faby.ane@gmail.com

Vivian Martins

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)
vivi.lmartins@gmail.com

Edmea Oliveira Santos

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
edmeabaiana@gmail.com

Resumo

Os vídeos ganharam uma grande projeção na cibercultura, em especial com as possibilidades de gravação, edição e compartilhamento incluídos nos dispositivos móveis. A educação e a pesquisa não poderiam caminhar em sentido contrário aos usos culturais e hoje encontram-se inseridas nas oportunidades que a produção audiovisual apresenta. Desta forma, o presente artigo aborda a utilização do vídeo-pesquisa como ato de currículo e dispositivo de pesquisa em educação. O objetivo aqui é compreender como o vídeo-pesquisa pode se constituir como ato de currículo e dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura. O estudo que nos ajuda nesta busca ocorre ao longo do doutorado em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e o campo de pesquisa ocorre em 2016, no contexto de greve e ocupação do Colégio Pedro II. O método para o desenvolvimento do estudo é a pesquisa-formação na cibercultura, no qual os processos de pesquisa e formação caminham lado a lado na emergência da cultura contemporânea mediada pelo digital em rede. Como achados do estudo, encontramos a compreensão da noção de vídeo-pesquisa e as reflexões a respeito da sua constituição como ato de currículo e dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura. Para além da ideia de instrumento de produção de dados, o vídeo-pesquisa se constitui em um processo de encontro com as criações e narrativas dos praticantes, bem como uma forma de registrar e refletir os caminhos da pesquisa.

Palavras-chave: Pesquisa-formação na cibercultura. Vídeo-pesquisa. Ato de currículo. Dispositivo de pesquisa.

Video-research and training in cyberculture: acts of curriculum and research in education

Abstract

It has been a while we are living a cyberculture. In this social scenario videos have reached a great projection in ways computer users have been producing, editing and sharing videos, especially through their smartphones. In this way, we believe that research and education couldn't go in a opposite direction of digital devices uses. And it is in this context that audiovisual productions encompass these knowlegde areas. Thereby, this scientific article is about the production and use of

research-videos as a curriculum act and a education research device. We intend with this text to understand how a research-video may compose a curriculum act and, at the same time, it may represent a powerful research and formation cybercultural dispositive. Our inspiration to create this article, is a doctoral study in education area, that has been developed at Universidade do Estado do Rio de Janeiro. It is a reserach about teacher and students formation in cyberactivism, especially in context of teaching strike and student's occupation that occurred at Colégio Pedro II, in Rio de Janeiro city, at 2016. The scientific method practiced here is research-formation in cyberculture. That's a method were reserch, formation and all aspects of comtemporany culture are considered at the same epistemological relevance status. The results we present here are the comprehension about research-video notion even as some reflexions about its possibility to compose a curriculum act and a reserach-formation cybercultural device. Much more than a mere data production tool, our sudy reveals that a research-video may be a complex process wereby researchers meet with actors' creations. As well as this research device is a method to record and start reflections to new tracks for scientific studies.

Keywords: Research-formation in cyberculture. Research-video. Curriculum act. Research device.

Pensamentos introdutórios

Consolidada nas décadas de 80 e 90, com a abertura e popularização da Internet, a cibercultura veio firmar novas relações entre a sociedade, as culturas e os dispositivos tecnológicos. Quando deixou de ser exclusividade de universidades, militares, Governo e setores da economia, o espaço da Internet, já mais simples, fácil e até gratuito, foi ocupado por diversos grupos e suas bagagens culturais. Para compreendê-la, buscamos inspiração em Levy (1999), Lemos (2004) e Santos (2014) cujas abordagens acerca desse conceito dialogam entre si. Eles apresentam a cibercultura como um complexo contexto cultural contemporâneo, em que as relações humanas são mediadas pelas tecnologias digitais em rede.

Tratam-se de encontros de diferentes realidades, caracterizadas pelo conjunto de produções culturais múltiplas e fenômenos sociotécnicos emergentes das relações híbridas entre seres humanos e artefatos tecnológicos. Relações estas que convergiram para *espaçostempos*¹ onde as pessoas estão em constante e potencial processo comunicacional, perpassando pelo sentimento de conexão generalizada instaurado pelas redes digitais. A cibercultura pode ser considerada como um imenso universo, multi, que comporta diferentes realidades, inclusive a realidade das práticas educativas, que também são atravessadas por essas mudanças.

Diante da complexidade e diversidade de linguagens por meio das quais expressamos nossas artes de fazer (CERTEAU, 2012) nas diferentes redes educativas (ALVES, 2008) em que

¹ Adotamos tal forma de escrita inspirada em Alves (2008), para quem a escrita conjunta dos termos atua como um posicionamento contra a ciência moderna que separa as palavras como semelhantes, mas opostas entre si.

transitamos e nos formamos, são necessárias também diferentes formas de registrar e compreender os fenômenos que emergem nas múltiplas relações culturais que nessas redes são criadas e recriadas. Em nossas pesquisas cocriamos com os praticantes² o que chamamos de dispositivos. No GPDOC nos inspiramos em Ardoino (2003) e chamamos dispositivos todos os recursos, materiais ou não, por intermédio dos quais os praticantes expressam as noções das quais o pesquisador necessita para compreender os fenômenos estudados.

São, portanto, meios de compreensão da realidade que podem ser acionados tanto pelo pesquisador, quanto pelos praticantes ou por ambos, em coautoria. Enquanto pesquisadores, precisamos estar atentos às ações dos praticantes e, principalmente, perceber os sentidos que dão vida às experiências por eles vividas. Todo esse movimento se dá na tessitura entre as teorias nas quais nos inspiramos e seus tensionamentos a partir da empiria na qual estamos envolvidos (MACEDO, 2013). Nosso rigor se faz então na validação dessas experiências como formativas, porque afetam as pessoas e os contextos em que ocorrem.

Foi nessa perspectiva que nasceu o vídeo-pesquisa que dá vida a este artigo. Durante a pesquisa de doutorado sobre a formação *discentedocente* engendrada nos ciberativismo de ocupação do Colégio Pedro II e greve de seus docentes, uma das autoras realizou uma roda de conversa com alunos e professores do colégio. Este momento foi todo filmado e desse registro, surgiu a ideia da criação do vídeo-pesquisa “Formação e Movimento”³.

A criação das imagens não se restringiu somente às pesquisadoras. Os praticantes, o tempo todo com seus celulares nas mãos e conectados, colocaram a câmera em movimento no cotidiano da ocupação e da greve e, independente de qualquer intenção de investigação científica, eles compartilharam esses registros em páginas públicas no *facebook*. Assim, antes mesmo que o vídeo-pesquisa fosse imaginado, esses registros já haviam sido compartilhados na rede.

Nossa intenção com a produção do vídeo foi explorar ao máximo possível os detalhes dos aspectos sensíveis que pulsaram nos movimentos de greve e ocupação. Os conteúdos que o compõem foram criados ou selecionados, editados e roteirizados por nós, levando em consideração a ética em tentar preservar ao máximo a autoria dos praticantes da pesquisa. É essa experiência que narramos neste artigo, cujo objetivo é compreender como o vídeo-pesquisa pode se constituir como ato de currículo (MACEDO, 2011) e dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura.

Iniciamos com uma abordagem sobre como os vídeos são criados em tempos de cibercultura, em especial para processos de pesquisa e formação. Avançamos para o método de pesquisa utilizado ao longo da investigação, a pesquisa-formação na cibercultura, em diálogo com a

² “Termo de Certeau (1994) para aquele que vive as práticas/táticas cotidianas” (ALVES, 2008, p. 10).

epistemologia dos estudos nos/dos/com os cotidianos educacionais. Em seguida retratamos a teoria de Macedo (2011) sobre ato de currículo e apontamentos sobre as relações epistemológicas e metodológicas que emergem no processo de produção de um vídeo-pesquisa e o quanto esse ato pode ser formativo para o pesquisador e os praticantes. Encerramos com as considerações conclusivas, retomando os pontos abordados no texto.

Os vídeos na sociedade contemporânea: influências para a educação e a pesquisa

Os vídeos potencializam a produção de sentidos e significados e estão se tornando cada vez mais importantes para a sociedade contemporânea. Arlindo Machado é categórico ao relacionar o audiovisual e a cultura: “tudo, no universo das formas audiovisuais, pode ser descrito em termos de fenômeno cultural” (1997, p. 191), como resultado do desenvolvimento dos meios de expressão, de questões socioeconômicas e estéticas de uma localidade. O audiovisual é produzido para uma audiência específica e por pessoas que não estão separadas de seus meios, com características particulares e culturais; a relação é direta.

É por essa perspectiva que entendemos o audiovisual: assim como o audiovisual é permeado pela cultura, esta também recebe influências do audiovisual, em uma relação imbricada e inseparável. Os audiovisuais repercutem processos histórico-econômicos, influenciam ou rebelam povos ao ver uma parte de suas próprias culturas refletidas nos espelhos das lentes e das telas. A educação e a pesquisa encontram-se nessa tessitura, embebidas da cultura contemporânea, que adentra com os corpos daqueles que pertencem àquele espaço.

A popularização do audiovisual foi intensificada a partir da sua criação por pessoas não especializadas nesse uso. De acordo com Agustoni (2016, p. 113), “criou-se assim uma cultura das filmagens caseiras, as famílias começam a filmar e não apenas fotografar seus eventos cotidianos, aniversários, férias e viagens.” As cenas da vida cotidiana passaram a ser vistas com outros olhos, já que antes era gravado somente o essencial ou no âmbito profissional, virando um registro de cotidianidades inspirado na linguagem cinematográfica. “Pode-se afirmar que foi a linguagem do cinema que, na verdade, treinou as pessoas a produzi-la e a buscá-la em outros meios”, observa Agustoni (2016, p. 113). Com isso, tais usos foram incorporados na educação e na pesquisa.

A tecnologia não proporcionou mudanças somente nos audiovisuais e nos dispositivos. Como está totalmente relacionada com as produções sociais, também modificou a forma como utilizamos os nossos sentidos, ou seja, enxergamos, ouvimos e sentimos o audiovisual. “Tais obras perturbam nossos operadores lógicos e se dedicam de forma especial à produção de sensações e

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3tiroECj3m4>

afetos” (FELINTO, 2016, p. 69). Algo cuja compreensão nos escapa, mas cuja presença se sente, então aprendemos a ler as nuances nas mudanças tecnológicas, apropriando-nos delas e trabalhando na convergência do que passa, com o atual e o vir a ser (FELINTO, 2016).

Para a concepção de vídeos, recorreremos à conceituação de Machado (1995, p. 7): “[...] o termo vídeo abrange o conjunto de todos esses fenômenos significantes que se deixam estruturar na forma simbólica da imagem eletrônica, ou seja, como imagem codificada em linhas excessivas de retículas luminosas”. O autor refere-se aos sistemas digitais como computadores, videogames, videodiscos, videotextos, entre outros, para pensar o vídeo. Para Santaella (2016, p. 212), o vídeo “é um sistema modular aberto consistindo de diferentes componentes. Por isso, ele apresenta várias possibilidades de gravação e transmissão dos sinais que podem ser produzidos no próprio aparato, por exemplo, em um sintetizador”, ou seja, a estrutura variável do vídeo permite múltiplas conexões de recursos, de estruturas e de formatos, tornando o vídeo altamente incorporável à educação e à pesquisa contemporâneas, contribuindo para formação e para a produção de conhecimentos. A esse respeito, Carrano e Brenner (2017, p. 443) assumem um olhar para seus “filmes de pesquisa” como

uma perspectiva de uso interpretativo do filme em que a montagem de nossos documentários coloca em jogo aquilo que se conseguiu avançar no plano analítico considerando o diálogo entre os conceitos orientadores das pesquisas, o método de aproximação e diálogo com os sujeitos das mesmas e o material empírico produzido no campo de investigação. É nessa perspectiva que nossos filmes utilizam passagens significativas de entrevistas, imagens e sons capazes de evocar conceitos, além de evidenciar a presença da equipe no trabalho de campo nas diferentes fases da pesquisa. Essa perspectiva contribui tanto para evidenciar as descobertas quanto para demonstrar os percursos metodológicos e escolhas analíticas e éticas que permitiram a montagem das sequências de imagens e sons.

Com uma ressignificação dos paradigmas metodológicos, o vídeo-pesquisa altera as relações, os procedimentos e os dispositivos de pesquisa. Carrano e Brenner (2017) entendem o filme de pesquisa como possibilidade para descobrimentos, demonstração e análise, entre outros elementos. Neles inspirados, compreendemos o vídeo-pesquisa como o processo de criação de uma narrativa audiovisual decorrente de uma situação de pesquisa e formação que busca a produção do conhecimento em formatos diferentes dos tradicionais, atuando como ato de currículo (MACEDO, 2011) e de pesquisa na cibercultura.

Ao produzir um vídeo-pesquisa, o pesquisador se autoriza na prática de formar e formar-se no encontro com os praticantes e suas invenções como registros essenciais à roteirização e montagem do vídeo. A linguagem do vídeo permite um olhar mais amplo para o campo de pesquisa, como a análise do contexto, a gravação precisa das narrativas orais e da linguagem corporal dos participantes, proporcionando uma análise mais subjetiva dos acontecimentos. A opção de ver e

rever esses detalhes quantas vezes forem necessárias, aumenta a possibilidade de compreensão do objeto de estudo.

Para uma melhor compreensão de como o vídeo-pesquisa *Formação em movimento* foi concebido, apresentaremos a seguir a pesquisa-formação na cibercultura. Esse método, que é para nós posicionamento epistemológico e político, nos inspirou no uso das potencialidades do vídeo para compreender fenômenos como o ciberativismo e a ocupação na cibercultura.

Pesquisa-formação na cibercultura nos/dos/com os cotidianos educacionais

A pesquisa-formação na cibercultura é um método que se delinea nos atravessamentos entre processos formativos e investigação científica. Ocorre em contexto de docência, não isolando-a da pesquisa. Ao propor a união entre pesquisador e formador, há a possibilidade de pesquisar a própria prática. O pesquisador não se encontra em situação de superioridade, ele forma e se forma em uma relação dialógica. Enquanto o praticante da pesquisa não está em situação cristalizada como estudante, ele ensina, aprende e contribui para a pesquisa, agindo como ator da mudança (MACEDO, 2010).

Dessa forma, é criada a pesquisa-formação como um método de pesquisa que considera uma intervenção intercristica para a formação, podendo se aplicar perfeitamente à formação de professores. Uma pesquisa implicada com as demandas da educação, com o olhar de que o conhecimento prático do grupo social na cotidianidade da instituição é mais relevante do que dos “especialistas que vêm de fora da convivibilidade grupal da comunidade ou da instituição”. (MACEDO, 2010, p. 160)

Criada por Josso (2004, p. 213), a pesquisa-formação é uma metodologia que busca o desenvolvimento de uma teoria da formação em que pessoas se formam na utilização da abordagem autobiográfica. Ela procura compreender o conhecimento produzido pelas experiências dos sujeitos ao se implicar, se transformar e se conhecer durante o trabalho autobiográfico, com a análise das narrativas dos participantes e a reflexão sobre o que foi formador e sobre o que aprenderam na experiência (JOSSO, 2004, p. 217-218).

A autora acredita que o pesquisador-formador precisa lançar “[...] uma atenção consciente sobre si mesmo e sobre a situação” (JOSSO, 2004, p. 215). Desse modo, os envolvidos são ao mesmo tempo sujeitos e o propósito da formação, ocorrendo um processo de autorreflexão do formador e dos participantes sobre si mesmos. O pesquisador busca formar e (trans)formar-se durante a ação da pesquisa, construir significados e sentidos a respeito dos acontecimentos, congregando a dimensão formativa como elemento primordial da investigação.

Em conjunto com a pesquisa-formação na cibercultura, há o olhar epistemológico das pesquisas nos/dos/com os cotidianos (ALVES, 2008). Constitui-se como uma pesquisa participante para estudar a escola, assumindo como necessidade o estudo da escola a partir do que há e não do que falta, do que se produz, das vidas que ali estão, das minúcias e dos detalhes, tendo o entendimento de que é um espaço complexo, inacabado e subjetivo. São muitas influências e redes de sujeitos, como a comunidade, a política, a cultura e outros.

Somos sujeitos múltiplos em nossas redes constitutivas de conhecimento, com complexas identidades e influências socioculturais. Não daria para pesquisar toda essa complexidade com controle, hipóteses, repetição e experimentação, sem considerar o fator quantitativo, em que muitos pressupostos da ciência moderna afirmavam que só seria considerado rigoroso aquilo que fosse quantificável. A esse respeito, Alves (2008) reflete sobre os movimentos de pesquisa, dos quais elencamos dois deles para exemplificar algumas opções.

O mergulho⁴ é o ato de verticalizar com todos os sentidos, ou seja, ter os olhos curiosos para todos os lados, cantos, objetos e pessoas; sentir o cheiro do cotidiano, da comida, do ambiente, dos objetos; sentir os gostos e sabores; ouvir tudo e todos; o vídeo-pesquisa contribui para o mergulho. O segundo movimento destacado chama-se Virar de ponta cabeça, em que Alves (2008, p. 25) valoriza a experiência do pesquisador, vivendo acontecimentos nos múltiplos cotidianos, sendo “capaz de buscar aproximar os conhecimentos criados em cada um, traçando analogias que melhor me permitam compreender os cotidianos vividos”. Constitui-se em mais um princípio para enfrentar a multiplicidade de acontecimentos cotidianos e também pode ser identificado na realização do vídeo-pesquisa.

[...] A formação do pensamento ocidental dominante, que exige “ver ‘para crer’”, levou à grande dificuldade em se aceitar o múltiplo: os múltiplos sentidos, os múltiplos caminhos, os múltiplos aspectos, as múltiplas regras, as múltiplas fontes. (ALVES, 2008, p.27)

O múltiplo é valorizado por essa epistemologia. Além dos sentidos, as fontes de conhecimento são ampliadas, passam a ser válidas: memórias, documentos, fotografias, poesias, cartões, cartazes, folhas soltas, recados, vídeos-pesquisa e toda comunicação que faça entender as minúcias das ações cotidianas. “Ao lidar com o cotidiano preciso, portanto, ir além dos modos de produzir conhecimento do pensamento herdado, me dedicando a buscar outras fontes, todas as fontes, na tessitura de novos saberes necessários”, ensina Alves (2008, p.28). É preciso entender

⁴ Termo utilizado por Alves (2008) tratando da imersão na pesquisa, na essência de profundidade dos sentidos e sentimentos.

quais significados e o valor cada um daqueles objetos possui para os praticantes, independente do valor material que possuam.

O dispositivo escolhido para ampliar a comunicação e proporcionar a compreensão dos fenômenos em conjunto com os praticantes da pesquisa foi a roda de conversa, de forma à construção coletiva do conhecimento. Foi escolhida pensando na comunicação dinâmica e no diálogo não hierarquizante na formação acadêmica. A intenção foi a expressão de opiniões de forma aberta e a videogravação do encontro.

A roda de conversa permite a interação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa por ser uma espécie de entrevista de grupo, como o próprio nome sugere. Isso não significa que se trata de um processo diretivo e fechado em que se alternam perguntas e respostas, mas uma discussão focada em tópicos específicos na qual os participantes são incentivados a emitirem opiniões sobre o tema de interesse (IERVOLINO; PELICIONI, 2001). Entende-se que as informações produzidas nesse contexto são de caráter qualitativo, pois as opiniões expressas nessas Rodas de Conversa são 'falas' sobre determinados temas discutidos pelos participantes sem a preocupação com o estabelecimento de um consenso, podendo as opiniões convergirem ou divergirem, provocando o debate e a polêmica. Cabe ao mediador garantir a participação igualitária de todos, bem como atender aos critérios de estruturação da discussão. (MELO; CRUZ, 2014, p. 33)

O registro da roda de conversa aconteceu por meio de gravação de vídeo e de anotações do que se passava com o grupo, como reações, falas mais importantes, a minutagem desses momentos e algumas impressões das pesquisadoras. Pode-se perceber que o coletivo é atuante no processo, como uma rede interativa de produção do conhecimento científico, como copartícipes da experimentação da constituição do método, conscientes da pesquisa para mudanças pessoais, pedagógicas e institucionais. A seguir apresentaremos a noção vídeo-pesquisa como ato de currículo, resultado do presente estudo.

O vídeo-pesquisa como ato de currículo: o reencontro com os praticantes e a conversa com os dados

Partindo da noção de formação e currículo como duas dimensões imbricadas, encontramos no diálogo com a Teoria sobre Atos de Currículo de Macedo (2011) um caminho para pensar a formação docente para além do que acontece somente em espaços formais de aprendizagem e a partir de um debate reflexivo sobre as relações entre as mesmas. Assim, para além da ideia de formação como capacitação, treinamento ou qualquer outra ação que vise uma espécie de prescrição de si, acreditamos ser necessária a criação de tessituras entre currículo e formação que revelem o currículo dito formal como um dispositivo revelador de políticas e experiências educacionais que agreguem sentido ao ato de educar como práticas que são socialmente construídas.

Nesse viés, um currículo em ato se constitui entre contradições e complexidades naturais das ações humanas e nas relações não-fragmentadas entre forma e conteúdo, instituído e instituintes, ciência e empiria. Relações estas que ocorrem no cotidiano, por dentre as diversas redes educativas onde transitamos, formando e nos formando nos encontros e desencontros com o outro.

Concordamos com Macedo (2011, p. 109) que os sujeitos, enquanto existirem, estarão em constante formação e que esta, portanto, não é uma “propriedade privada da pedagogia”. Formar e formar-se são para nós atos experienciais, que transformam e nos transformam na ação, porque não simplesmente acontecem, mas sim nos tocam e nos fazem refletir sobre e com o vivido, nos colocando em movimento e imersos em um estado de fluxo.

Durante os movimentos de ocupação estudantil e greve docente no CPII, os estudantes, sujeitos ativos da mobilização, aprendiam e ensinavam sobre as diversas formas de funcionamento do Colégio, segundo uma lógica diferente da que tradicionalmente estamos acostumados a vivenciar. Em suas ações no cotidiano da ocupação, arrebatarem docentes e responsáveis a participarem do movimento, e, como observa Claudia (professora do Colégio Pedro II), “nos ensinando, gratuitamente que participação política não precisa de tutela”.

Está previsto no artigo 5º da Constituição Federal o direito à reunião pacífica em locais públicos, independente de autorização. Acreditamos, porém, que pouco adianta ocupar somente no sentido físico, sendo preciso ocupar com autoria na ação. Neste sentido, asseveramos que ocupar é habitar um espaço público com práticas cidadãs coletivas, múltiplas e autorais de luta por justiça e reconhecimento. Buscamos a compreensão de ações autorais em Amaral (2014, p.68), que nos afirma:

Assumimos como autoral toda criação intelectual, expressão do pensamento, que se manifesta na obra, seja por meio de um texto escrito (palavra), imagens e formas, escrita cênica, performance, entre outros, a partir da realidade sócio-histórica em que nos inserimos.

Abertos ao encontro com o diferente e responsáveis por suas próprias formas de expressão política e cultural, como no *bricoleur* (CERTEAU, 2012), estudantes e docentes que participaram dos movimentos, exercitavam constantemente sua autorização rumo à interação com novas informações e vivências. Bricolando-as, produziam a partir daí novos saberes, a exemplo das narrativas de três estudantes durante a roda de conversa, a seguir:

Eu acho que o mais difícil é criar essa parada de vamos todo mundo se interessar pela política do colégio e como funciona e lutar por melhorias e além de questionar se mover. Depois de questionar fazer alguma coisa com o questionamento. (Estudante Rai Senra)

Não ver a ocupação só como um estado de exceção. Ver que a escola pode ser aquilo que a gente vivenciou. (Estudante Morgana)

A gente sempre tem essa ilusão de que o colégio é nosso. Mas acho que na prática a ocupação foi que passou isso pra gente. (Estudante Gabriel)

O movimento formativo de discentes e docentes, sujeitos ativos da mobilização, se dava no ato de permitir atravessar-se pelas diversas vozes que ecoam em um ambiente de ocupação. Sem, no entanto, se deixar levar por elas ao ponto de perder suas próprias visões da realidade, em meio a dúvidas e certezas, agiam com autonomia e responsabilidade, lançando um novo olhar sobre as situações vivenciadas, em um processo de recriação e transformação da realidade e de si próprios. Nesse cenário ciberativista, foram surgindo as autorias (aplicativos, narrativas e imagens nas redes sociais, eventos, documentos, entre outros) *discentedocentes*, as quais acreditamos ser preciso compreender e divulgar. Foi sob esse âmbito que nasceu a ideia da produção do vídeo-pesquisa.

A utilização de imagens documentais em pesquisas científicas teve seus primeiros movimentos nas décadas de 30 e 40, vindo a se tornar uma área consolidada a partir da década de 70, com o surgimento da antropologia fílmica como um importante instrumento mediador das compreensões do humano e suas atividades (RAMOS e SERAFIM, 2007). Assumindo que a imagem (estática ou *movimental*) tem ocupado um lugar de destaque nas produções científicas, sendo cada vez mais utilizada como forma de narrar as invenções cotidianas, encontramos basicamente duas situações nas pesquisas com imagens: uma relativa à compreensão de imagens em processos filmados por outras pessoas e outra relativa à criação de vídeos a partir de imagens coletadas pelo próprio pesquisador.

Considerando o contexto cibercultural em que esta pesquisa se desenvolve, apresentamos aqui uma perspectiva de produção fílmica, cotidianista, multirreferencial e desenvolvida na era do digital em rede: a produção audiovisual de registros e edições de imagens e narrativas criadas na colaboração entre a pesquisadora (que também é praticante) e os praticantes da pesquisa. O vídeo-pesquisa para nós é, portanto, um produto do encontro entre pesquisadora e diferentes pessoas e suas realizações. Nesse sentido, inspirados nos achados de Martins (2017, p. 26) sobre a produção audiovisual, destacamos que

[...] na cibercultura, o potencial agregador do audiovisual foi ampliado de diferentes imagens para diferentes tecnologias e mídias. A produção audiovisual em rede e a convergência de mídias estão relacionadas nas produções de hoje à utilização de variados formatos ao mesmo tempo, com técnicas específicas que mudaram os referenciais de narrativas e de roteiro também.

Nossa produção do vídeo-pesquisa seguiu nesse ritmo. Nos quase 18 minutos de vídeo, reunimos textos, imagens, vídeos, sons, falas, animações e notícias, todos disponíveis nos outros

dispositivos da pesquisa (páginas das ocupações e do movimento EuDefendoOCp2, aplicativo MobilizaCP2 e roda de conversa). Corroboramos, nesse processo, o fundante da pesquisa-formação cotidianista e multirreferencial: o mergulho na realidade, com olhar sensível para sua heterogeneidade.

Em nossas anotações sobre o dia em que filmamos a roda de conversa, temos o registro das impressões sobre a série de sentimentos que a presença de uma câmera desperta: curiosidade, timidez e até mesmo comprometimento com o momento e com a pesquisa. A imersão no campo, a proximidade com os praticantes e a própria implicação com a pesquisa deram condições de proporcionar um encontro (nos referimos à roda de conversa) no qual todos puderam estar bem à vontade e a presença da câmera foi rapidamente esquecida.

Trazemos esse relato para dizer que compreendemos que, quanto maior for a inserção do pesquisador no campo, mais os praticantes se familiarizarão com a ideia da câmera como um instrumento implicado de registro (com intencionalidade de pesquisa) dessa realidade. Assim, acreditamos que nosso vídeo é fruto da cooperação entre pesquisadora e praticantes, que conseguimos estabelecer uma relação de intersubjetividade, como percebemos na fala da professora Carol, do CPII, ao assistir o vídeo:

Tô aqui emocionada! Porque acho que não podemos perder a oportunidade de manter essa escola “aquecida, viva! As ocupações deram um outro sentido à escola! Ressignificando-a! Tô muito mexida aqui. Difícil conter as lágrimas. Gratidão pela oportunidade. Precisamos reafirmar os sentidos da escola, para além do cotidiano.

Diante disso, pensar o roteiro significou para nós um constante reencontro com os praticantes, suas invenções, o cotidiano dos movimentos de greve e ocupação e nossas próprias memórias. Fomos aprendendo no ato de roteirizar essa nova forma de produzir audiovisual na ciberpesquisa-formação: em um sentimento de colaboração, de mixagem entre linguagens e de constante reflexão sobre a experiência.

Podemos afirmar que nosso vídeo é um documentário, cujo gênero é um vídeo-pesquisa, em que o ato de pensar o roteiro e a seleção dos conteúdos nos remete à reflexão sobre os sentidos que emergiram das/nas experiências vividas/registradas. Ao longo desse processo de criação e formação, saímos da intenção de criar um registro audiovisual para o evento da ANPEd ou para completar os escritos da pesquisa, rumo a reflexões e descobertas que nos tornaram pesquisadoras mais completas.

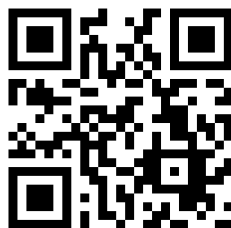
Enquanto grupo (no GPDOC), testemunhamos que a produção desse gênero audiovisual se constitui em um constante movimento formativo do pesquisador e arriscamos dizer que foi, portanto, um ato de currículo (MACEDO, 2011) engendrado no movimento da pesquisa. Afinal,

nesse processo, ocorrem encontros e reencontros com o campo, as narrativas, as cores, os sons e toda forma de registro que mantém viva a experiência no ciberativismo. Como asseveram Ramos e Serafim (2007, p.172),

constata-se, então, que a metodologia, através da utilização da imagem em movimento fornece uma contribuição valiosa para o desenvolvimento do conhecimento tanto ao nível da pesquisa como da formação. Ela nos dá a descrição tanto das palavras como das posturas e dos gestos, permitindo-nos aceder aos conteúdos verbais e não-verbais.

O vídeo-pesquisa apresenta o enredamento multimidiático de todos os outros dispositivos envolvidos na pesquisa, e, nessa direção, ele próprio se tornou um dispositivo. Temos, então, um gênero audiovisual em metalinguagem, capaz de ampliar nossos sentidos no tempo e no espaço, com uma dinamicidade envolvente, nos permitindo rever e até nos rever em ação no cotidiano do campo. Diante de tantos sentimentos que emergiram, tanto no processo de sua elaboração, quanto na sua contemplação quando já pronto, o vídeo se tornou tão vivo quanto as páginas das ocupações, o movimento em defesa do Colégio e as pessoas que neles estão. Estes e todos os outros aspectos abordados até aqui, tentamos traduzir no vídeo que chamamos “Formação em Movimento”, disponível no *Youtube* e acessível mediante o QR Code a seguir:

Figura 1 – QR Code para acesso ao vídeo-pesquisa “Formação em Movimento”



Fonte: criado pelas autoras.

Cientes de que ainda há muito a aprender sobre essa criação metodológica e da escassez de literaturas que abordem conceitos sobre vídeo-pesquisa, atestamos que sua criação nos propõe uma maneira outra de articular imagens e sons, desenvolvidas em coautoria com os praticantes da pesquisa, como caminho que nos conduz de maneira diferencial a diversos *espaçostempos*. É um movimento de pesquisa e formação, um ato de currículo, que nos revela relações com o passado e com nossas memórias, para além da percepção como mera sucessão de acontecimentos.

Considerações finais

O presente artigo aborda a potência do vídeo para a pesquisa e para a formação na contemporaneidade. Apresenta o gênero vídeo-pesquisa como uma possibilidade para a produção científica e para a produção de atos de currículo, atuando como interlocutor entre os praticantes da

pesquisa, pesquisadores, público em geral, saberes e fenômenos da sociedade contemporânea. A pesquisa buscou compreender como o vídeo-pesquisa pode se constituir um ato de currículo e um dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura.

Para alcançar tal objetivo, iniciamos o texto contextualizando o vídeo na atualidade, abordando alguns conceitos de autores importantes para a área e como os vídeos podem contribuir para pensarmos a educação e a pesquisa na cibercultura. Para a formação, o processo da produção e a materialidade do vídeo promovem aprendizagens, sensações, pertencimentos e reflexões. Para a investigação, contribuindo para a compreensão de acontecimentos na área da educação, a partir de narrativas de praticantes que vivenciaram experiências caras para o objeto da pesquisa: a ocupação na cibercultura e o ciberativismo.

Anunciamos o método escolhido para delinear a investigação: a pesquisa-formação na cibercultura. Em processos formativos, uma pesquisa ocorre possibilitando a promoção de olhares diversos para o objeto de estudo. O método torna-se importante também por estar em sintonia com os fenômenos emergentes da cibercultura. Um dos disparadores da pesquisa foi a realização de uma roda de conversa e a videogravação desse momento. Às narrativas em rede sobre os movimentos de greve docente e ocupação estudantil do Colégio Pedro II somaram-se as videograções para a produção do vídeo-pesquisa *Formação em Movimento*.

O achado da pesquisa encontra-se na compreensão da noção de vídeo-pesquisa e como ele pode ser constituído como ato de currículo e um potente dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura. Ato de currículo, na criação de tessituras entre currículo e formação, com participantes que exercitam suas autorizações, podendo ressignificar o que está posto e com disparadores de políticas e experiências educacionais socialmente construídas. E dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura, ou seja, o vídeo-pesquisa não é propulsor ou produto da investigação, ele é o meio utilizado pelos praticantes da pesquisa para expressar noções necessárias à compreensão dos fenômenos da investigação, concedendo uma análise mais complexa aos objetos investigados.

Sem a pretensão de esgotar o assunto sobre o tema, apresentamos um caso de utilização do vídeo-pesquisa em uma investigação na área da educação. Esse dispositivo pode contribuir efetivamente para o desenvolvimento da pesquisa e todo o seu processo de feitura artesanal, proporcionando a formação dos envolvidos. A produção de conhecimento de várias áreas do saber, principalmente das ciências sociais, pode ser engrandecida a partir dos usos e das reflexões a respeito desse tipo de dispositivo. Esperamos que esse estudo contribua para suscitar reflexões e práticas, promovendo atos de currículo e de pesquisa na cibercultura.

Referências

- AGUSTONI, Marina. Convergências entre cinema e vídeo: contaminações e dissoluções limites. In: SANTAELLA, Lúcia. **Novas formas do audiovisual**. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016, p. 108-121.
- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda e BARBOSA, Inês (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. 3 ed. Petrópolis: DP&A, 2008.
- AMARAL, Miriam M. do. **Autorias docente e discente: pilares de sustentabilidade na produção textual e imagética em redes educativas presenciais e online**. 239f. Tese de Doutorado em Educação. Universidade do Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2014.
- ARDOINO, Jacques. **Para uma pedagogia socialista**. Brasília: Plano Editora, 2003.
- CARRANO, Paulo C. R.; BRENNER, Ana Karina. A escuta de jovens em filmes de pesquisa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 439-454, abr./jun. 2017.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FELINTO, Erick. As imagens inconstantes: lendo ambiências no cinema. In: SANTAELLA, Lucia (org.) **Novas formas do audiovisual**. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016, p. 64-81.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- LEMO, Andre. (org.) **Cibercidade. A Cidade na cibercultura**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MACEDO, Roberto S. **Atos de currículo e autonomia pedagógica: o socioconstrucionismo curricular em perspectiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- _____. **Atos de currículo formação em ato? para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação**. Ilhéus, BA: Editus, 2011.
- _____. **Etnopesquisa crítica, etnoPesquisa-formação**. 2. Ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2010. 179p. (série pesquisa v. 15)
- MACHADO, Arlindo. **A Arte do Vídeo**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- _____. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Campinas: Papyrus, 1997
- MARTINS, Vivian. **Os cibervídeos na educação online: uma pesquisa-formação na cibercultura**. 2017. 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- MELO, M. C. H. de; CRUZ, G. de C. Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio. **Revista Imagens da Educação**, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.
- RAMOS, Natália; SERAFIM, José F. Cinema documentário, pesquisa e método: desafios para estudos interdisciplinares. **Contracampo Brazilian Journal of Communication**, 2007. Disponível em: www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/358. Acesso em: abr. 2018.
- SANTAELLA, Lucia. (org.). **Novas formas do audiovisual**. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016. 284 p.
- SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. 1. ed. Santo Tirso: Whitebooks, 2014. V. 1. 202p.